

Imprensa e Rádio no Bicentenário da Independência: O Discurso Jornalístico sobre o Rádio como Mídia Educativa e Cultural em Contexto Pandêmico na Bahia

*Press and Radio on the Bicentennial of Independence:
The Journalistic Discourse on Radio as an Educational and Cultural
Media in a Pandemic Context in Bahia*

*Prensa y Radio en el Bicentenario de la Independencia:
El Discurso Periodístico en la Radio como Medio Educativo y Cultural
en Contexto de Pandemia en Bahia*

Magno MEDEIROS¹
Pricilla Souza ANDRADE²

Resumo

O objetivo do artigo é desenvolver uma investigação descritiva e analítica de casos de utilização do rádio como mídia educativa no contexto da atual pandemia de Covid-19. Para tanto, analisamos o discurso jornalístico em matérias veiculadas pelos principais jornais do estado da Bahia: *O Correio da Bahia* e *A Tarde*. Acreditamos que é imprescindível apontar a importância da imprensa escrita e do rádio no que se refere à história, à memória e às identidades que esses veículos suscitam ao atravessarem o Bicentenário da Independência do Brasil, enquanto experiência de vida do povo brasileiro, e, especialmente, dos baianos. No período pandêmico, surgiram relatos impressos de algumas experiências de utilização do rádio e, neste estudo, matérias extraídas de dois jornais da capital baiana são analisadas. Elas despertaram discussões relevantes acerca dos discursos sobre a efetiva participação do rádio, nos imaginários e identidades culturais e sociais, políticas e econômicas da população. O objetivo geral desse estudo é relacionar imaginários e identidades do bicentenário da Independência com o surgimento da imprensa no Brasil. Posteriormente, discutir como este meio

¹ Professor Titular da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Doutor pela USP, é docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos, ambos da UFG. E-mail: magno@ufg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6250-4592>.

² Doutoranda em Comunicação no PPGCOM/UFG-GO, na linha Mídia e Cidadania. Comunicóloga, professora da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). E-mail: pricillandrade8@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4142-0987>.



dialoga com o surgimento e o papel do rádio no Brasil, observando como se apresentam os discursos que relatam as ações educativas com a utilização do rádio. Metodologicamente, são analisados recortes discursivos em matérias jornalísticas que tratam da utilização ou reinvenção do rádio neste período pandêmico, sob a ótica de uma abordagem qualitativa, descritiva e analítica. A pesquisa recorre aos instrumentos da Análise do Discurso de linha francesa, fundamentados pelos estudos que abordam história, memória e cidadania.

Palavras-Chave: Cultura; História; Rádio; Jornal Impresso; Análise de Discurso.

Abstract

The objective of the article is to develop a descriptive and analytical investigation of cases of use of radio as an educational media in the context of the current Covid-19 pandemic. Therefore, we analyzed the journalistic discourse in articles published by the main newspapers in the state of Bahia: *O Correio da Bahia* and *A Tarde*. We believe that it is essential to point out the importance of the written press and the radio in terms of history, memory and identities that these vehicles raise as they cross the Bicentennial of the Independence of Brazil, as a life experience of the Brazilian people, and, especially, of the Bahians. In the pandemic period, printed reports emerged of some experiences of using radio and, in this study, articles extracted from two newspapers in the Bahian capital are analyzed. They aroused relevant discussions about the discourses on the effective participation of the radio, in the cultural and social, political and economic imaginaries and identities of the population. The general objective of this study is to relate imaginaries and identities of the bicentennial of Independence with the emergence of the press in Brazil. Subsequently, discuss how this medium dialogues with the emergence and role of radio in Brazil, observing how the speeches that report educational actions with the use of radio are presented. Methodologically, discursive clippings are analyzed in journalistic articles that deal with the use or reinvention of radio in this pandemic period, from the perspective of a qualitative, descriptive and analytical approach. The research uses the instruments of French Discourse Analysis, based on studies that approach history, memory and citizenship.

Keywords: Culture; History; Radio; Printed Newspaper; Discourse Analysis.

Resumen

El objetivo del artículo es desarrollar una investigación descriptiva y analítica de casos de uso de la radio como medio educativo en el contexto de la actual pandemia del Covid-19. Por lo tanto, analizamos el discurso periodístico en artículos publicados por los principales diarios del estado de Bahía: *O Correio da Bahia* y *A Tarde*. Creemos que es fundamental señalar la importancia de la prensa escrita y la radio en cuanto a la historia, la memoria y las identidades que estos vehículos levantan en su recorrido por el Bicentenario de la Independencia de Brasil, como experiencia de vida del pueblo brasileño, y, especialmente, de los bahianos. En el período de la pandemia, surgieron informes impresos de algunas experiencias de uso de la radio y, en este estudio, se analizan artículos extraídos de dos periódicos de la capital bahiana. Suscitaron discusiones relevantes sobre los discursos sobre la participación efectiva de la radio, en los imaginarios e identidades culturales y sociales, políticos y económicos de la población. El objetivo general de este estudio es relacionar imaginarios e identidades



del bicentenario de la Independencia con el surgimiento de la prensa en Brasil. Posteriormente, discutir cómo este medio dialoga con el surgimiento y el papel de la radio en Brasil, observando cómo se presentan los discursos que relatan acciones educativas con el uso de la radio. Metodológicamente, se analizan recortes discursivos en artículos periodísticos que abordan el uso o la reinención de la radio en este período de pandemia, desde la perspectiva de un enfoque cualitativo, descriptivo y analítico. La investigación utiliza los instrumentos del Análisis del Discurso francés, a partir de estudios que abordan la historia, la memoria y la ciudadanía.

Palabras clave: Cultura; Historia; Radio; Periódico; Análisis del Discurso.

Imaginário social e as contribuições dos Estudos Culturais

Em diversos percursos históricos, as culturas nascem de relações sociais marcadamente desiguais. Desde o início das civilizações, existe uma estratificação de fato entre as culturas, que resulta da hierarquia social (CUCHE, 2002, p. 143). É importante mostrar, neste estudo, a evolução dessas ideias no âmbito da cultura. Há perspectivas teóricas redutoras, que hierarquizam rigidamente a cultura; e há, por outro lado, vertentes instauradoras, que trabalham a cultura como processos simbólicos de resistência, negociação e construção de imaginário social e de cidadania.

Por imaginário social, entende-se, aqui, a instância simbólica consciente e inconsciente que permeia o plano das práticas e representações, com base nos elos de pertencimento à nação ou à coletividade. Tais representações se manifestam em ritos, mitos, hinos, cantos, festejos, eventos, enfim, em todo um farto conjunto de crenças e tradições. Esse imagético referido constrói a diversidade cultural e incorpora camadas semióticas plurais. Neste artigo, busca-se refletir acerca dos vários usos e construções discursivas sobre rádio, cultura, identidade e imaginário social, tensionando os processos midiáticos e sua contribuição ao imaginário social. Os meios de comunicação permitem essa transversalidade temática, por meio de suas produções midiáticas discursivas, especialmente no contexto pandêmico e por ocasião do bicentenário da Independência do Brasil.

Segundo Cuche (2002), é o contexto da distinção que leva a valorizar ou não determinadas identidades sociais; e, também, a intensificar algumas diferenças mais do que outras. Por isso, não admitir a hierarquia entre as culturas é pensar que elas existem independentemente, ou seja, sem relação umas com as outras, uma situação que não corresponde à realidade. Antes de adentrar mais especificamente nas



principais formas e momentos em que a cultura popular é utilizada, cabe destacar que, em uma perspectiva sociológica, ela é produzida por pessoas e grupos que ocupam posições sociais desiguais em diferentes campos – políticos, econômicos e sociais. Nessa relação, nota-se um maior ou menor grau de força de alguns grupos em relação a outros. No entanto, admite-se que, mesmo “o mais ‘fraco’, não se encontra jamais totalmente desarmado no jogo cultural” (CUCHE, 2002, p. 144).

Fundamentado sobre as bases conceituais que vêm se atualizando, especificamente a partir dos anos 1960, os Estudos Culturais consideram e reconhecem na cultura a dimensão social e política, a ponto de ser necessário questionar qual o lugar da esfera da cultura no mundo contemporâneo. Para tanto, há de se considerar, como pressuposto, o fato de que a ideia de passado não implica o fim das ideias diante da história.

O fato é que o debate sobre cultura voltou a ter um caráter político, que, sobretudo, busca mudanças por meio das propostas do multiculturalismo. A cultura popular, descrita mais adiante, se transformou no enfoque inicial dos Estudos Culturais, que, entre seus aspectos relevantes, se destinam a questionar a alta cultura oficial. Investigam criticamente a cultura produzida para a “massa”, por meio dos *mass media*. Dessa forma, questionam como a cultura popular passou a ser elevada a um *status* de objeto de análise.

Já em meados do século XX desenvolvem-se, na Inglaterra, importantes pesquisas na perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Culturais. Segundo Mattelart (2004), no ano de 1957, o inglês Richard Hoggart foi considerado pelos pesquisadores dos Estudos Culturais o fundador desse campo de pesquisas, ao publicar um livro intitulado *A cultura do pobre* (traduzido para o francês), no qual o autor estuda a influência da cultura difundida em meio à classe operária pelos modernos meios de comunicação. Na década de 1960, criou-se a disciplina Estudos Culturais nas universidades britânicas, inspirada por Raymond Williams, com suas raízes na nova esquerda britânica, pois a cultura popular era o assunto do momento.

Diferentemente de se tratar apenas dos aspectos tradicionais, a cultura popular tende a ser não hierarquizada e agrega valores simbólicos diversos dentro de determinada sociedade. Esses valores perpassam pelos vários universos da vivência humana, sendo continuamente negociados. Isso é possível devido à noção de identidades, conceito que se encontra intimamente relacionado à noção de performatividade, assim como à de culturas híbridas (CANCLINI, 2003). De acordo



com essas noções, o indivíduo é capaz de articular e assumir identidades diferentes em momentos e lugares diversos. Acredita-se que a maneira mais descritiva e esclarecedora, de como seria o tratamento dos Estudos Culturais à cultura popular, encontra-se na reposição de Canclini, ao construir uma nova perspectiva de análise do tradicional-popular, levando em conta as interações entre elite e as indústrias culturais (FERRARETO, 2007). O rádio é um veículo que pode representar bem o surgimento dessas interações. O seu impacto no imaginário social será abordado mais à frente em um estudo de caso. Por ora, cabe ressaltar a sua importância na formação social e cultural, desde o seu surgimento formal, 1922, em clubes da elite, até se tornar uma mídia de massa e popular. Cabe, portanto, frisar sua relevância midiática, destacando o seu apogeu – época de ouro das décadas de 1930 a 1950 – até as inovações tecnológicas e de linguagem que marcam o rádio e o podcast na Era Digital.

O pesquisador argentino Canclini (2003), radicado no México, sistematiza suas ideias sob a forma de seis refutações à visão clássica dos folcloristas, nas quais esclarece que: 1) o desenvolvimento moderno não suprime as culturas populares tradicionais; 2) as culturas camponesas e tradicionais já não representam a parte majoritária da cultura popular; 3) o popular não se concentra nos objetos; 4) o popular não é monopólio dos setores populares; 5) o popular não é vivido pelos sujeitos populares com complacência melancólica para com as tradições; 6) a preservação pura das tradições não é sempre o melhor recurso popular para se produzir e reelaborar sua situação (CANCLINI, 2003).

Essa reformulação de ideias ganha uma dimensão mais situada, na medida em que Canclini, sendo um autor latino, vincula a cultura popular a um continente pobre como a América Latina, com sérios problemas de sobrevivência em razão de forte desigualdade social. No Brasil, as ações, em torno da proteção dos bens culturais materiais e imateriais, se desenrolaram de acordo com o pensamento político e ideológico de cada época. As políticas públicas se desenvolveram, em grande parte, de maneira muito lenta, exceção para a década de 1930 e, especialmente, para a década de 1970, quando houve ampla aceleração urbana e industrial, porém, mantidos a desigualdade social e o estado autoritário próprio dos regimes militares.

A emergência, quanto à valorização desses elementos, vem se intensificando desde o final do século XX, ganhando contornos efetivos no início do século XXI. Outro conceito que vem agregando sentido às propostas políticas dos Estudos Culturais é o de cidadania cultural. Este termo tem ampliado o campo das discussões e produções



científicas, correspondendo a uma maior autonomia dos indivíduos, enquanto cidadãos portadores de direitos. A ideia é que todos sejam tratados não apenas como consumidores de bens e serviços culturais, mas também como criadores de cultura. Aqui, nesse estudo, considera-se o rádio um meio propulsor de criações culturais, especialmente no âmbito regional, já que uma de suas características é a predominância do aspecto local, onde se constrói o imaginário social, a cidadania e os laços de pertencimento (CORTINA, 2005).

Imaginários e identidades: imprensa no século XIX e passagem para o século XX

É inegável que, para tratar dos imaginários e políticas de identidade no bicentenário da Independência do Brasil, um dos aspectos marcantes que atravessa o processo de desenvolvimento do país, do período colonial até os dias atuais, é o surgimento e a atuação da imprensa. Repleta de fatos curiosos, a imprensa escrita e o rádio, este a partir do século XX, foram se tornando peças importantes na engenhosidade das práticas sociais em cada período.

A história do Brasil é repleta de peculiaridades. Nossa independência foi declarada pelo filho do imperador português. Passamos a maior parte do século XIX sob uma Monarquia, enquanto o resto do mundo era republicano. Assim, não é de espantar que o primeiro jornal brasileiro tivesse sido publicado em... Londres. De fato, o Correio Brasiliense surgiu em 1808. Oposicionista e crítico, o periódico era feito na Inglaterra, mas discutia os problemas da Colônia e atravessava o Atlântico para circular por aqui. Assim, no mesmo ano que a Corte portuguesa transferiu-se para o Rio de Janeiro fugindo de Napoleão, o jornal idealizado e realizado por Hipólito Costa, disponível a nobres e plebeus do novo Mundo, estava longe de ser um beija-mão dos poderosos. (MARTINS; LUCA, 2008, p.7)

O relato acima apresenta um panorama histórico das contradições que marcam a gênese da imprensa no Brasil, no contexto de um país monárquico, imperial e de cultura conservadora, no qual qualquer iniciativa crítica por parte da imprensa à época – por mais moderada e elitista que fosse – teria que ser concebida em outro país, no caso, na Inglaterra. Havia restrições políticas à oposição e não se permitia a abertura de espaço para vozes dissonantes ao governo colonial.

Segundo esses autores, a diversidade de títulos da imprensa brasileira seguiu se ampliando gradativamente. Em São Paulo, 1500 títulos foram registrados até o final do século XIX. De modo geral, jornais simples com apenas duas páginas ganharam a simpatia da população letrada. Ao se tratar dos caminhos da imprensa brasileira, cabe



salientar que é nesse contexto que a ideia de nação brasileira nasce e se desenvolve. “A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira. Tem certidão de nascimento lavrada em 1808, mas também é veículo para a reconstrução do passado” (MARTINS; LUCA, 2008, p.8). Os autores afirmam que, nesses duzentos anos de circulação dos impressos, eles não só testemunham a nossa história, mas são parte intrínseca da formação do país.

Na obra *História da Imprensa no Brasil* (2008), as pesquisadoras Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca dão ênfase à forma como a comunicação impressa acentua o nível profundo de participação dos veículos impressos na formação dos imaginários e identidades brasileiros. Elas perpassam os primórdios da imprensa brasileira, abordando o surgimento da imprensa em tempos do Império; os tempos eufóricos no período republicano, cujos tópicos discorrem sobre a pretensão de estar a serviço do progresso; a diversificação e segmentação dos impressos; a cultura republicana conservadora e o anarquismo; e a implementação da grande imprensa na primeira metade do século XX. A obra traça um panorama histórico dos anos 1950 aos nossos dias, tematizando personalidades históricas e aspectos marcantes (batalhas em letra de forma, Chatô, Wainer, Lacerda, a era das revistas de consumo, imprensa alternativa, revolução tecnológica e reviravolta política e a globalização da mídia).

Neste artigo, cabe enfatizar os processos históricos que relacionam imaginários e identidades, considerando a trajetória histórica da imprensa no Brasil. O estudo analisa como a imprensa dialoga e reporta o papel do rádio no País.

Segundo Pandolfi (2014), o fim oficial da censura prévia à imprensa no Brasil só ocorreu em março de 1821, um ano após a Revolução do Porto ter decretado a liberdade de imprensa em Portugal. Essa medida possibilitou o surgimento de diversos jornais, sobretudo no Rio de Janeiro. Mas a maioria possuía um perfil liberal. “No fim do Primeiro Reinado a maioria dos jornais era de tendência liberal. Incumbiam-se, ou julgavam incumbir-se, da tarefa de educar e formar a ‘opinião pública’ sobre os assuntos da política” (PANDOLFI, 2014, p. 328).

Análise do discurso impresso e as experiências radiofônicas na pandemia de Covid-19 na Bahia

O estudo a seguir propõe-se a uma análise discursiva de matérias jornalísticas, supondo que elas possuem sensível relevância na construção e divulgação da identidade cultural local diante do mundo e da região da qual fazem parte os



municípios envolvidos. Vale ressaltar que, nesta perspectiva, não apenas o discurso textual tem lugar, mas também o discurso imagético, como a fotografia, porque complementa a construção discursiva sobre a história e a memória do rádio. Nesse sentido:

As fotografias são o resultado de uma significativa prática ativa, na qual aqueles que fotografam selecionam, estruturam e moldam aquilo que vai ser registrado. Existe, em particular, uma tentativa de construir imagens idealizadas, que embelezam o objeto que está sendo fotografado. O poder da fotografia deriva, assim, de sua capacidade de apresentar-se como uma miniaturização do real, sem revelar sua natureza construída ou seu conteúdo ideológico (URRY, 2001, p.186).

Em outros termos, as imagens não são um registro neutro e objetivo da realidade, afastando-se, epistemologicamente, do conceito de espelho da realidade. Afinal, as imagens não são o reflexo fiel do real, mas construções de sentidos sempre reinterpretados conforme as peculiaridades do sujeito que vê, percebe, pensa e imagina a partir de seu ponto de vista particular. As imagens são carregadas de subjetividades, desde os diversos olhares tanto de quem as produz como de quem as recebe e as faz circular. Com impressionante carga simbólica, elas são fruto de seletividades, percepções, escolhas, enquadramentos, marcas históricas do tempo e do espaço. Portanto, as imagens são construções singulares do imaginário social circulante.

Na matéria eletrônica do *Correio* (2021), há algumas fotos significativas:

Figura 1: Imagens da notícia do *Correio*



Fonte: Correio (2021)

Quanto às matérias a serem investigadas, cabe agora apontar os princípios teóricos da Análise do Discurso (AD) para, logo em seguida, delimitar o *corpus* da pesquisa e proceder à análise do objeto em questão. A noção de discurso já havia sido



formulada por Foucault (1998), junto com o conceito do significado de produção discursiva:

Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua temível materialidade (FOUCAULT, 1998, p. 7).

Foucault (1998) considerava sua filosofia uma crítica a Kant, no que diz respeito à noção de sujeito enquanto mediador e referência de todas as coisas, já que, para o francês, o homem é produto e produtor de práticas discursivas. Foucault (1998) concebia o homem, então, enquanto resultado de uma produção de sentido, de uma prática discursiva e de intervenções de poder, sendo sujeito e objeto de conhecimento. Mas é desde a criação da AD de linha francesa, no final dos anos 1960, por Michel Pêcheux (MUSSALIM, 2012), que essa vertente de estudos tem demonstrado ser um campo de pesquisa muito fértil. Ela surgiu na conjuntura política e intelectual francesa, já como um campo transdisciplinar, marcada pela conjunção entre filosofia e prática política. Atravessou fronteiras e movimentou o campo das ciências humanas, constituindo-se, hoje, uma disciplina transversal. Sobre a Análise do Discurso, para Navarro (2006, p. 67), “esse aporte teórico metodológico constitui-se em um campo fecundo de investigação, que associa a ciência da língua com a perspectiva histórica”. No entremeio da análise, há de se considerar e especificar o lugar do analista em relação à particularidade de seu trabalho, como descreve Orlandi (1996):

O analista de discurso vai então trabalhar com os movimentos (gestos) de interpretação do sujeito (sua posição), na determinação da história, tomando o discurso como efeito de sentido entre locutores. São, como dissemos, duas ordens que lhe interessam: a da língua e a da história, em sua relação (ORLANDI, 1996, p. 49).

Dialogando nessa linha, Charaudeau (2006), em *Discurso das Mídias*, aponta para o papel do analista, diante do trabalho que ele realiza nas especificações:

O papel do analista é o de observar à distância, para tentar compreender e explicar como funciona a máquina de fabricar sentido social, engajando-se em interpretações cuja relatividade deverá aceitar e evidenciar. Apresentar como verdade absoluta uma explicação relativa e acreditar nela seria ignorância. Fazê-lo sem acreditar seria cinismo. Entretanto, entre arrogância e cinismo há lugar para uma atitude que, sem ignorar as convicções fortes, procure compreender os fenômenos, tente descrevê-los e proponha interpretações para colocá-los no debate social (CHARAUDEAU, 2006, p. 29).



O analista do discurso deve, assim, manter equidistância racional, nem tão próxima a ponto de perder a objetividade científica e não tão longe de modo a perder o foco de visão. Ou seja, deve orientar-se de forma equilibrada no universo imaginário, tecido por objetividades e subjetividades.

Esse estudo, que tem caráter qualitativo, se realiza por meio de abordagem metodológica da AD, pois trata dos fenômenos discursivos da linguagem e busca compreender o processo de produção de sentidos como prática social e histórica. Segundo Orlandi (2005), um dos princípios fundamentais para a AD, na delimitação do *corpus*, é a ideia da exaustividade vertical, que “leva a consequências teóricas relevantes e não trata os ‘dados’ como meras ilustrações. Trata de ‘fatos’ da linguagem com sua memória, sua espessura semântica, sua materialidade linguístico-discursiva” (ORLANDI, 2005, p. 63). Dessa forma, não se objetiva a exaustividade linear e horizontal, ou seja, a completude em relação ao objeto empírico, uma vez que a interpretação, na análise discursiva, não é o mesmo que decodificar/descrever, mas exige a construção de um dispositivo, pois a interpretação já é uma intervenção na produção de sentidos. Portanto, o analista do discurso não tem a tarefa de interpretar, mas de compreender, ver como o texto funciona para construir sentidos. Para a AD, não interessa a quantidade de impressos coletados para a análise, porque compreende que não há discurso fechado em si, mas um processo discursivo do qual é permitido fazer um recorte e analisar estados diferentes. Com isso:

Atualmente, considera-se que a melhor maneira de atender à questão da constituição do *corpus* é construir montagens discursivas que obedeçam a critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos da análise, e que permitam chegar à sua compreensão (ORLANDI, 2005, p. 63).

Para a autora, os procedimentos da AD atuam diante da noção de funcionamento, que, por sua vez, leva o analista a compreender por meio da observação dos processos e mecanismos de constituição de sentidos e de sujeitos, utilizando a paráfrase e a metáfora como elementos que permitem certo grau de operacionalização dos conceitos. Dessa forma, a análise se constitui por três etapas que realizam um percurso do texto (superfície linguística) ao discurso (objeto discursivo), mediante do contato com o *corpus*, o material empírico, que leva a análise ao processo discursivo (as formações ideológicas). Diante disso, foram coletadas duas matérias, veiculadas em agosto de 2020 (CORREIO, 2021) e fevereiro de 2021 (A TARDE, 2021), que constituem material suficiente para atender aos objetivos qualitativos da presente



análise. Identificando nesse primeiro momento as FD (Formação Discursiva), cabe esclarecer que essas são constituídas pelos Interdiscursos, conceito da AD que será abordado de forma mais aprofundada a seguir.

O conceito de FD é de grande importância na AD. Segundo Pêcheux (1990, 1999), é por meio dela que se chega à natureza ideológica a partir da qual o sujeito produz o sentido. Com efeito, a FD é tudo que o sujeito pode dizer e deve dizer em condições dadas. É importante lembrar que o sentido das palavras não está contido nelas mesmas, mas na formação de cada discurso. Assim, as FD representam, no discurso, as Formações Ideológicas (doravante FI). O discurso é constituído por várias FD, porque possui sentidos diferentes constituídos ideologicamente. Isso ocorre no *corpus* analisado, tanto que foi possível detectar, no discurso desse material, a predominância de quatro FD:

- Rádio como recurso pedagógico diante da pandemia (FD1),
- Rádio como política pública (FD2),
- Rádio como história, memória e vínculo (FD3),
- Rádio como cultura em desuso (FD4),

A FD1, rádio como recurso pedagógico diante da crise sanitária, pode ser percebida nos seguintes trechos de notícia veiculada no *Correio* (2021)³:

Texto 1: Observa-se que é com internet limitada que alunos de cidade da Bahia **sintonizam aula pela FM**. Professores de município da Chapada Diamantina **ensinam através da rádio** local para que estudantes não fiquem para trás.

Texto 2: Pensei: Certo, **nem todos têm celular e acesso à internet**, mas como a gente pode chegar nesses alunos? **E aí me veio na mente as duas emissoras da cidade**. Sabia que uma delas tem potência mais alta, capaz de chegar nos locais mais distantes, daí tive a ideia de fazer um programa de rádio.

Texto 3: Prevendo **o impacto no ensino com a suspensão das aulas na Bahia** na metade de março, Dilma Pereira, **coordenadora pedagógica da cidade, ficou preocupada** com a meninada em casa sem acesso aos conteúdos e teve um estalo.

Texto 4: Atenção, alunos da rede municipal, vai começar o programa **“Educação ao Pé do Rádio”**. Ao escutar essa chamada todas as quintas-feiras, às 14h, Davi Correia dos Santos, de 14 anos, põe o caderno na mesa e se presta a ouvir e anotar a aula semanal, transmitida pela frequência 103.7 FM, da emissora RB Líder. Morador da zona rural da cidade de Ruy Barbosa, na Chapada Diamantina, ele e outros cerca de 4,8 mil estudantes das 42 escolas ou creches públicas do município estão **aprendendo por meio da rádio** local - a

³ Os grifos que aparecem nos textos do *corpus* são dos autores deste trabalho.



alternativa encontrada para alcançar toda a comunidade, já que nem todos têm acesso à internet.

TEXTO 5: O uso do rádio é um **retorno às origens do ensino à distância no país**. Muito usado nas duas grandes guerras mundiais, esse meio de comunicação se popularizou e passou a ser usado por aqui na **transmissão de cultura e conhecimento**, com músicas, radionovelas e cursos profissionalizantes. Mestre em Educação pela UFBA e gerente executiva de Educação do SESI Bahia, Cléssia Lobo avalia que o esforço da cidade é louvável porque busca garantir um princípio básico: o acesso ao conhecimento.

Texto 6: A especialista indica que é preciso entender, no entanto, que cada ferramenta usada neste processo, seja ela o rádio ou a internet, vai demandar estratégias quanto à efetividade da aprendizagem. **“Se nesse momento o que tem disponível é o rádio, ótimo. É melhor do que o estudante não ter acesso a uma mediação de um professor e nem a uma disciplina em casa”**.

Texto 7: Estudante do 9º ano da Escola Municipal Nivaldo Fernandes, no povoado Santa Clara, Davi Correia conta que já tinha o hábito de escutar o rádio e curtiu a ideia das **audioaulas**. **“Acho muito legal porque vejo que é uma forma que os professores e a diretoria acharam para a gente não ficar atrasado**. Mesmo de longe, consigo ampliar meu conhecimento”, conta ele, que até tem provedor de internet Wi-fi em casa, mas o acesso é só pelo celular.

No Jornal *A Tarde* (2021), a **FD1** também pode ser encontrada:

Texto 8: Um dos **caminhos para enfrentar os desafios que a pandemia coloca a nós, educadores, está incorporado ao cotidiano dos brasileiros. Trata-se do rádio**.

Texto 9: As primeiras experiências datam dos anos 30 e desde o início da pandemia não foram raras as notícias sobre o uso de **aulas radiofônicas para transmissão de conteúdos escolares**, sobretudo, nas **zonas rurais** onde o acesso à internet é ainda mais precário.

Os textos, acima apresentados (T1 a T9), revelam claramente que o rádio ocupou um importante espaço cultural e pedagógico durante a pandemia de Covid-19, quando as aulas presenciais foram suspensas na Bahia. Impedidos(as) de frequentar a escola, os(as) estudantes passaram a usar o rádio como recurso pedagógico, ou seja, usaram mais o veículo para ouvir audioaulas e desenvolver uma série de atividades didáticas mediadas pelo rádio. As emissoras assumiram, assim, o espaço educacional onde os alunos buscaram aprender conteúdos ministrados em disciplinas escolares e, também, em cursos profissionalizantes. Foi o caso, por exemplo, do programa “Educação ao Pé do Rádio”.

Como nem todos têm acesso a computadores e à internet, o rádio acabou sendo a alternativa viável para o seu resgate como instrumento de educação a distância.



Afinal, praticamente todas as casas dispõem de um aparelho de rádio, uma vez que ele, de fato, está incorporado ao cotidiano das pessoas, conforme dito em depoimento acima. Assim, o rádio mostrou-se muito eficaz como ferramenta de mediação pedagógica (PRETTO, TOSTA, 2010) contribuindo para que não houvesse grandes atrasos na formação escolar dos(as) estudantes da Bahia, sobretudo da zona rural.

A compreensão do rádio como política pública (FD2) apareceu, assim, no *Correio* (2021):

Texto 10: Enquanto as escolas particulares em todo o país avançam na adaptação para o ensino remoto pela internet, **na Bahia mais de 1,5 milhão de casas ainda não têm acesso à rede, o que representa 30% dos domicílios existentes no estado**, segundo a pesquisa mais recente do IBGE (2018). A taxa corresponde a quase o dobro da nacional, que é de 17% das casas.

Texto 11: Conhecendo a realidade dos estudantes e tendo em conta que o rádio é o meio de maior penetração na pequena cidade de 30 mil habitantes, Dilma levou a ideia para a **Secretaria Municipal de Educação** (Semec). De acordo com a secretária Floriceia Alves, os professores preparam um **módulo com quatro audioaulas por mês e a programação é dividida: os alunos dos anos iniciais do fundamental ouvem às terças e os dos anos finais às quintas**.

Texto 12: As aulas tratam de **temas transversais e já abordaram práticas de saúde durante a pandemia, a geografia da Serra do Orobó**, localizada na região da cidade, curiosidades, momento musical, entre outros. Cada edição do programa tem duração de uma hora e sempre encerra com um dever de casa, geralmente uma redação.

Texto 13: Além das aulas pelo rádio, a galerinha ainda **recebe atividades impressas e livros de literatura, que são entregues mensalmente quando os pais ou responsáveis vão buscar os kits de merenda escolar**. A secretária conta que a ideia de distribuir as obras literárias veio depois de assistir uma **live da Secretaria de Educação do Estado (SEC) com a participação do educador português Antônio Nóvoa**, ex-reitor da Universidade de Lisboa.

Texto 14: Celedônio destaca ainda **o poder dos podcasts, que são conteúdos de áudio que podem ser escutados quando queremos e não ao vivo, como na rádio, e que consomem poucos dados de internet. Os dois formatos**, defende ele, **são interessantes para promover um ensino interdisciplinar**, reunindo professores de diferentes matérias para transmitir o conhecimento.

A **FD2** aparece assim no *A Tarde* (2021):

Texto 15: A *internet* passou a ser o espaço para os encontros educativos, porém, diante dos problemas ligados à conexão, à desigualdade nas condições de acesso às dificuldades de professores e estudantes com as aulas remotas, reacendeu-se a discussão sobre a

**importância da escola, do acesso ao conhecimento e à educação de qualidade para toda a sociedade.**

Texto 16: Diante dos desafios que vivenciamos na pandemia, para levarmos a escola às casas baianas, já que a volta às escolas presenciais ainda não é segura para alunos, professores e suas famílias, e tendo em vista que a internet está longe de ser acessível a toda a sociedade, **devemos buscar valorizar o uso do rádio com política pública educacional neste e em outros contextos.**

Texto 17: A Bahia é **pioneira na radiodifusão educativa em âmbito estadual, com a produção de conteúdos na década de 60. O rádio foi uma alternativa bem sucedida diante da extensão territorial do Estado**, da ausência de escolas em muitas cidades e da necessidade de acesso da população à alfabetização e à educação.

Os textos acima (T10 a T17) permitem inferir que o rádio ganha importância como política pública a ser desenvolvida no campo que tensiona comunicação/educação. Em face da pandemia, os gestores públicos se viram na necessidade de implementar ações governamentais de apoio à radiodifusão cultural e educativa, buscando incentivar a produção de conteúdos didáticos e profissionalizantes, a exemplo de videoaulas semanais. Programas passaram a discutir temas transversais e curiosidades científicas. Além do formato tradicional, o rádio passou a produzir também podcast como recurso didático de interesse dos(as) estudantes. Estado e municípios passaram a distribuir material didático e obras literárias. Esse investimento foi necessário, uma vez que a desigualdade de acesso à internet no Brasil é expressiva. Na Bahia, em particular, mais de 1,5 milhão de casas não têm internet, o que equivale a 30% dos domicílios. Pioneira em radiodifusão educativa no Brasil, o estado passou a ver no rádio uma importante alternativa para oferecer ensino remoto em um cenário de grande exclusão digital.

O rádio é compreendido também como instrumento de história, memória e vínculo (FD3), no *Correio* (2021):

Texto 18: A mãe da estudante, Poliana Vasconcelos, **avalia positivamente o fato de o filho ter algo com o que se ocupar no isolamento. “Ele está acompanhando certinho, estou sempre do lado ajudando com o que posso quando ele me pergunta”**. Quando a gente não sabe, corre logo no celular para pesquisar. Temos que incentivar, parar de tudo a tudo é que não pode”, considera ela.

Texto 19: “Com esse programa, **nós queremos evitar a evasão escolar, manter o acolhimento. A gente quer ver eles participando, fazendo as atividades e assim observar o acompanhamento dele junto com a família, para não deixar eles sozinhos e manter o nosso vínculo**”, conclui Dilma Pereira.



e no *A Tarde* (2021):

Texto 20: O Irdeb, com a **Rádio Educadora (fundada em 1978), possui em seus arquivos um rico material histórico** de boa parte dessas experiências que, por sua importância, **precisam ser preservados e acessados por pesquisadores e docentes, pois são fontes valiosas tanto para a história e memória da radiodifusão educativa**, como para construirmos possibilidades de utilização do rádio na atualidade.

Texto 21: A Bahia possui uma infraestrutura de rádios por todo o estado e a experiência acumulada pelo Irdeb. **O rádio está nos celulares, nas residências e inscrito em nossa cultura, como um companheiro diário de todos nós.**

Acolhimento, participação, vínculo afetivo e valorização da memória. Estas foram as principais percepções e sensações advindas dos textos acima (T18 a T21). Neste sentido, o rádio acabou oferecendo aos(às) ouvintes um espaço de afetividade e de envolvimento, inclusive com a participação e acompanhamento da família nas atividades pedagógicas que programas e audioaulas ofereceram durante o período de pandemia. Segundo depoimentos, o rádio passou a ser um “companheiro diário de todos”, minimizando o tédio do isolamento social e contribuindo para diminuir a evasão escolar. Também foi ressaltada a importância de se preservar o acervo do Irdeb (Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia) e da Rádio Educadora, pois guardam preciosos registros de sua memória histórica.

A **FD4**, rádio como cultura em desuso, no *Correio* (2021):

Texto 22: cursando o 7º ano na Escola Carneiro Ribeiro, o aluno Fabrício Vasconcelos, de 12 anos, também só navega na web pelo smartphone e relata que, **embora ache interessante a ideia da rádio, sente saudades do aprendizado presencial.**

Texto 23: “Eu queria que a pandemia acabasse logo. Estudar pelo rádio é mais complicado porque a gente não está muito habituado a esse ensino, essa nova experiência. É legal, mas vejo que nem todos os alunos estão se interessando”, observa Fabrício.

Texto 24: Para Cléssia, o rádio sozinho realmente pode não ser suficiente. “**Aquele conhecimento que chega por uma exposição unicamente oral talvez não seja entendido. Então, a escola pode pensar: Como fazer com que esses estudantes tenham iguais condições em relação aos outros que estão conectados à internet? A pandemia está demorando, já são vários meses e com um impacto muito rápido, que pode ressoar em gerações**, então que busquemos efetividade porque de forma criativa dá para ter. **A preocupação com a educação é uma iniciativa que sempre vai valer a pena**”.



Texto 25: Diretor de Ensino e Inovações do SAS, plataforma de educação, Ademar Celedônio **acredita que o ensino das disciplinas História, Geografia e Biologia pode transcorrer melhor no rádio, mas dificilmente o mesmo pode ser dito para Física, Química e Matemática, pela falta dos recursos para a visualização das fórmulas e cálculos.** “Como ensinar um aluno a interpretar um gráfico pelo rádio? Dá para falar dos efeitos da cadeia carbônica numa chuva ácida e até do recente derramamento de petróleo na costa brasileira. Tem que trazer tudo para o mais próximo da realidade para que o aluno tenha como imaginar”, exemplifica.

Já os textos de 22 a 25, acima reportados, possuem um posicionamento crítico em relação ao rádio como cultura educativa, em razão da falta de interesse e de hábito dos(as) atuais estudantes. Apesar de as aulas serem interessantes, houve registro de dificuldades quanto ao entendimento de exposições orais, sobretudo de disciplinas de Ciências Exatas (Matemática, Física e Química), devido à impossibilidade de se visualizar fórmulas e cálculos. Ficaram também patentes a saudade do ensino presencial e a angústia em virtude do prolongamento da pandemia de Covid-19.

Por fim, os textos acima demonstram uma possível e necessária integração do rádio a dispositivos móveis, especificamente smartphones. Também ficou registrado que certos aplicativos de conversação, a exemplo do WhatsApp, são muito úteis como facilitadores da participação por parte dos ouvintes.

Nota-se que na matéria “*Ao pé do rádio: com internet limitada, alunos de cidade da Bahia sintonizam aula pela FM*”, do *Correio* (2021), dentre as formações discursivas detectadas nos argumentos de seu texto, a FD1 – rádio como recurso pedagógico diante da crise sanitária – caracteriza-se como a FDD (Formação Discursiva Dominante), seguida das seguintes: FD2, FD3, FD4. Já na matéria “*O rádio e a educação, a pandemia e a radiodifusão educativa na Bahia*”, do jornal *A Tarde* (2021), das FD mencionadas, pode-se observar que a FD2 – rádio como política pública, é a FDD, pois é o argumento que mais aparece e é bastante reforçado no texto. A FD1 e FD3 aparecem em proporções iguais; a FD4 não aparece nessa matéria.

Considerações finais

Os argumentos mais presentes nas matérias sobre a utilização do rádio referem-se à sua importância nos momentos de crise, tanto para o jornal *Correio* (2021), especialmente relacionada ao contexto atual da pandemia de Covid-19, como para o jornal *A Tarde* (2021), no qual ficou evidente a sua relevância para a formulação de



políticas públicas de educação para o Estado. Para melhor compreender as condições de produção das matérias acima analisadas, cabe considerarmos, atualmente, as funções polissêmicas e polifônicas do jornalismo contemporâneo, que se apresenta de modo impresso, digital, sonoro e/ou audiovisual, bem como a representação e as diferenças editoriais dos veículos impressos baianos. Nota-se que o rádio é um veículo propulsor da oralidade, de modo que podemos considerá-lo uma das formas da oralidade midiaticizada, na contemporaneidade, assim como outros formatos que, cada vez mais, utilizam os elementos da linguagem radiofônica: a voz, a fala, os ruídos, a música e os efeitos sonoros.

Como pudemos ver anteriormente, os Estudos Culturais mostram que os processos de formação do imaginário social são dinâmicos e tensionam com o espaço e o tempo históricos. A imprensa e o rádio são igualmente dialéticos, conformadores e transformadores de realidades culturais. São meios que provocam significativo impacto na construção de identidades sociais. Fazendo-se presente, o rádio dialoga com o passado e com o futuro. Portanto, faz parte da dinâmica cultural de uma determinada sociedade, mantendo aspectos tradicionais que dialogam com o novo. Ao mesmo tempo em que se reinventa com os avanços tecnológicos, recorre também aos seus usos tradicionais, quando necessário, como no contexto pandêmico.

Ao analisar como os jornais constroem as suas narrativas discursivas sobre o rádio no contexto de crise sanitária, as formações discursivas presentes e as dominantes em cada matéria apontaram aspectos que vêm validando a existência, a permanência e as adequações deste veículo de comunicação que, em setembro de 2022, completará cem anos, no Brasil. Suscitaram, ainda, aspectos da história e da memória individual e coletiva da população leitora dos principais jornais da Bahia. O método de Análise do Discurso (AD), com seus princípios e procedimentos, ofereceu ferramentas adequadas para a realização dos objetivos da análise empírica ora apresentada.

Para além de abordar os vários usos da cultura e das formações identitárias no Brasil bicentenário, esse estudo refletiu e buscou contribuir com uma análise de construções discursivas sobre rádio, cultura, identidade e imaginário social. A investigação procurou articular e contextualizar o rádio aos processos comunicativos da mídia impressa, que tenta edificar ideológica e parcialmente um retrato histórico do Brasil desde a era colonial. O rádio, que surge cem anos depois do primeiro veículo impresso e no mesmo mês (setembro) do Bicentenário da Independência brasileira, revelou-se de fundamental importância como mídia massiva cultural e educativa,



especialmente, na atual conjuntura pandêmica. Nesta perspectiva, demonstrou forte potencial como recurso tecnológico e pedagógico a serviço da educação a distância e da construção da cidadania, seja em momentos de crise ou fora deles.

Referências

- A TARDE. **O rádio e a educação, a pandemia e a radiodifusão educativa na Bahia**, Salvador, ano 109, nº 37.176, 05 fev. 2021.
- CANCLINI, Néstor G. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2003.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006. 286p.
- CORREIO. **Ao pé do rádio: com internet limitada, alunos de cidade da Bahia sintonizam aula pela FM**. Disponível em https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ao-pe-do-radio-com-internet-limitada-alunos-de-cidade-da-bahia-sintonizam-aula-pela-fm/?utm_source=correio24h_share_whatsapp. Acesso em: 07 mar. 2021.
- CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo: uma teoria da cidadania**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução: Vivian Ribeiro. 2ª ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- FERRARETTO, L. A. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 3ª ed. Porto Alegre: Doravante, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 1998. 79p.
- MARTINS, Ana L.; LUCA, Tânia R. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MATTELART, Armand. **Introdução aos Estudos Culturais**. São Paulo: Parábola, 2004.
- MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 2. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2012. 321p.
- NAVARRO, Pedro. O pesquisador da mídia: entre a “aventura do discurso” e os desafios do dispositivo de interpretação da AD. In: _____. **Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos**. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 67-92.
- ORLANDI, Eni. **Interpretação**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996. 157p.
- ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 6ª ed. Campinas: Pontes, 2005. 100p.



PANDOLFI, Fernanda C. O papel da imprensa na política no final do Primeiro Reinado: Uma análise do jornal Tribuna do Povo. **História e Cultura**, Franca, v.3, n.3 (Especial), p. 325-343, dez. 2014.

PÊCHEUX. Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento? São Paulo: Pontes, 1990.

PÊCHEUX. Michel. **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. *In*: ACHARD, P. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. 64p.

PRETTO, Nelson De Luca; TOSTA, Sandra de Fátima Pereira (org.). **Do MEB à WEB**: o rádio na educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 208p.

URRY, Jonh. **O Olhar do Turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 2001. 231p.

★

Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.